

# OS DECRETOS E A ALIANÇA DE DEUS PARA O NOVO MUNDO (GÊNESIS 9)

Na saída da arca, Noé foi enviado como o segundo Adão. O mundo havia sido desfigurado e destruído pelo pecado, mas a família de Noé ainda levava a imagem de Deus. Deus estava instituindo um novo começo para todos os seres viventes através de Noé e dos outros que foram preservados na arca.

## AS PROVISÕES DIVINAS PARA O NOVO MUNDO (9:1–7)

<sup>1</sup>Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: **Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra.** <sup>2</sup>Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues. <sup>3</sup>Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. <sup>4</sup>Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. <sup>5</sup>Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem.

<sup>6</sup>Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a Sua imagem.

<sup>7</sup>Mas sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela.

**Versículo 1.** Deus verbalizou Sua bênção a Noé e seus filhos repetindo a bênção original citada em 1:28. Embora a ordem aqui esteja num formato abreviado, o texto é literal: **Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra** (veja 8:17). O mesmo tipo de

bênção é dada novamente no encerramento desta seção, mas ela aparece com termos mais extensivos (9:7). A responsabilidade inicial de procriar continuava em vigor; o mundo precisava ser povoado mais uma vez.

**Versículos 2 e 3.** Após reiterar o domínio do homem sobre o reino animal, Deus deu instruções sobre matar e comer animais. Seria o homem estritamente vegetariano, ou ele podia comer parte da carne de animais mortos ou sacrificados ao Senhor, antes do dilúvio? Essa resposta não tem uma definição precisa (veja os comentários sobre 1:29, 30). A segunda possibilidade talvez esteja implícita no mundo pré-diluviano, mas esta é a primeira vez que Deus deu explicitamente ao homem **tudo o que se move e vive** como **alimento**, assim como havia dado a Adão e Eva **todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto** no jardim do Éden (1:29).

Assim que os humanos foram autorizados a matar alguns **animais e aves**, juntamente com **tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar**, parece ter ocorrido uma mudança fundamental no reino animal. Desde o princípio, o homem deveria exercer domínio sobre todas as formas de vida inferiores (1:26–28), ainda que esta passagem sugira algo mais forte do que isso. A partir da liberação divina, as criaturas inferiores não ficariam apenas nervosas e apreensivas na presença dos humanos, elas ficariam cheias de **pavor e medo** dos seres humanos. Este novo relacionamento parece muito diferente do que o relacionamento que os animais tinham com Adão no jardim (2:19, 20) e com Noé na arca (7:8, 9).

Outra questão surpreendente que este trecho desperta é se Deus ofereceu literalmente ao homem “tudo o que se move e vive” como alimento após o dilúvio. Será que Ele permitiu que aquelas

peças comessem não só animais limpos, aves, peixes e insetos, mas também o que mais tarde foi classificado como “impuro” debaixo da lei de Moisés (Levítico 11:1–47)? Visto que os animais limpos foram diferenciados dos animais imundos bem mais tarde (7:2, 8; 8:20), talvez a mesma distinção deve ser presumida aqui. Todavia, parece estranho Deus incluir “tudo o que se move e vive” como alimento adequado para os seres humanos, se Ele realmente queria dizer que os seres humanos deveriam consumir apenas as criaturas limpas e não as que eram imundas.

Em busca de um raciocínio coerente, teríamos que tratar as afirmações do Novo Testamento sobre alimentos puros e impuros da mesma maneira. Independentemente de Marcos ter dito que Jesus “considerou puros todos os alimentos” (Marcos 7:19) e Paulo ter afirmado que “tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1 Timóteo 4:4), deveríamos concluir que a distinção entre alimentos puros e impuros é aplicável hoje? Claro que não, por isso também parece imprudente chegar a tal conclusão com respeito à declaração de liberação dos alimentos após o dilúvio. Antes da Lei, parece que havia alguma restrição a animais puros e impuros somente para sacrifício e não para a dieta alimentar.

**Versículo 4.** Esta é a primeira vez na Bíblia que Deus proibiu o homem de comer **carne... com sua vida, isto é, com seu sangue**. Várias ordens explícitas foram dadas mais tarde a Israel sobre a ingestão de sangue (Levítico 3:17; 7:26, 27; 17:10–14; Deuteronômio 12:15, 16, 20–24) e em Atos 15:29 a mesma instrução foi dada a cristãos gentios. Visto que Deus é quem pode dar vida, os sobreviventes do dilúvio foram intimados a respeitar a força da vida que o Senhor colocou em todas as criaturas. Neste contexto, o sangue equivale à própria vida; por essa razão, comer ou beber sangue foi proibido.

Não há paralelo desta proibição em todo o Oriente Próximo antigo. A singularidade da lei é uma forte indicação de que esta proibição não tem raízes em algum tabu pagão primitivo, mas numa ordem divina<sup>1</sup>. Este não foi um decreto que se aplicou somente a um grupo seletivo, como os israelitas; ele incluiu todas as pessoas, pois todos eram descendentes de Noé. O Senhor não queria que os seres

humanos se tornassem sedentos de sangue, como alguns pagãos se tornaram na antiguidade<sup>2</sup>. Comer ou beber sangue mostrava desrespeito a Deus, o qual deu vida a todas as criaturas. Mesmo tendo Deus permitido que os homens consumissem a carne de animais, essas criaturas deveriam ser devidamente cuidadas e nunca maltratadas com petulância. Deus planejou que o homem tivesse domínio sobre o reino animal (Salmos 8:3–8), mas ele deveria exercer domínio como um mordomo fiel sobre a criação divina. Só Deus é soberano.

**Versículo 5.** A próxima declaração começa com outra diretiva divina relativa ao valor da vida humana. Disse Deus: **Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem**. Pode parecer estranho que Deus pronuncie uma sentença de morte contra o “homem” e o “animal”, uma vez que os animais não são seres morais. Todavia, como a terra pré-diluviana estava tão cheia de extrema violência (6:11), incluindo evidentemente assassinatos insanos, Deus queria inculcar em Noé e seus descendentes que Ele não toleraria esse tipo de comportamento. A vida humana é tão sagrada que requer uma prestação de contas tanto do homem quanto do animal.

O texto diz três vezes: “Requererei” e Deus é o sujeito na voz dessa primeira pessoa. Na primeira dessas três ocorrências, Deus disse: “Requererei o vosso sangue”. O significado dessas frases é que Deus iria “requerer” (דָּרַשׁ, *darash*) “uma vida por uma vida”<sup>3</sup>. Segundo este princípio, matar uma pessoa é um ato contra o próprio Senhor, que fez o homem à Sua imagem (1:26, 27; 5:1, 2; 9:6).

Mais tarde, na lei de Moisés, repete-se o fato de que tanto os animais como os seres humanos estavam sob essa sanção divina, sendo agentes responsáveis. A Lei citava o exemplo de um boi acostumado “a chifrar”: se o dono desse boi estivesse ciente dessa tendência, ele deveria confinar o animal. Se ele não fizesse isso e o boi matasse uma pessoa, tanto o boi como o dono deveriam ser mortos (Êxodo 21:29).

Qual é o significado da frase **o próximo de cada um**? A ARIB e a ERC trazem aqui a tradução “o irmão de cada um”, apontando para trás, para o pri-

<sup>1</sup>Jacob Milgrom, “Blood” em *Encyclopaedia Judaica*, 2d ed., ed. Fred Skolnik. Detroit: Macmillan Reference USA, 2007, vol. 3, p. 771.

<sup>2</sup>S. David Sperling, “Blood,” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, vol. 1, p. 762.

<sup>3</sup>Leonard J. Coppes, “דָּרַשׁ” em *DIDAT* 1:199.

meiro assassinato em que Caim matou seu “irmão” Abel (4:8) e incluindo a ideia de que todos nós fazemos parte da mesma família, a família humana<sup>4</sup>. Outra possível versão seria “qualquer ser humano que assassinar seu semelhante deve morrer”. Outra interpretação é que “o próximo de cada um” seja uma referência antiga ao vingador de sangue, que fazia justiça pela morte do irmão matando o assassino deste (veja Números 35:9–34; Deuteronômio 19:1–13).

**Versículo 6.** Este versículo dá continuidade à ideia de se aplicar o castigo condizente com o crime: **Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a Sua imagem.** A expressão vertida para “derramar o sangue” é usada para o assassinato premeditado em Gênesis 37:22, onde Rúben rogou que seus irmãos não matassem José (veja 1 Reis 2:31; Ezequiel 22:4). O assassinato é descrito na Bíblia como um crime hediondo cuja pena divina era a execução do assassino. Essa declaração de Deus a Noé e sua família levanta várias questões: se o assassino tinha que ser executado por um homem, a pessoa que derramaria o sangue do assassino não seria igualmente culpada de assassinato? Apesar das contestações, a resposta é “não”. A execução da pena de morte não redundava em assassinato, a menos que se torne uma questão de executar a lei com as próprias mãos e retaliar numa atitude de vingança pessoal.

Fazer o assassino pagar por seu crime não deveria partir de uma iniciativa pessoal; Deus foi quem impôs isto como obrigação à sociedade. Não somos informados como essa ordem deveria ser executada no período patriarcal da história, mas conhecemos os procedimentos legais instituídos sob a lei de Moisés. A lei de Deus oferecia ao assassino proteção do “vingador de sangue” (um parente mais próximo), caso a morte tivesse sido acidental. Um caso desse tipo deveria ser ouvido pelos anciãos da “cidade de refúgio”; e se o acusado fosse considerado culpado de assassinato premeditado, ele deveria ser executado (Êxodo 21:12–14; Números 35:9–34; Deuteronômio 19:1–13). O mesmo princípio se aplica debaixo da lei de Cristo. Paulo, em sua Carta aos Romanos, admitiu que o governo civil tem o direito de controlar a espada do executor contra “quem faz o mal”

(Romanos 13:4). Até em relação a si mesmo, Paulo confirmou o direito de César de emitir a sentença de execução, caso o julgasse culpado ou digno de morte (Atos 25:11).

Outra questão surge: *Por que Deus exigiria que um assassino fosse executado?* Uma resposta superficial poderia ser que a vida humana é sagrada porque ela faz parte da criação de Deus. Embora, evidentemente, seja verdade que o homem não adquiriu consciência acidentalmente, esse pensamento não se sustenta. A razão mais profunda para incriminar o assassino é que a vida humana difere qualitativamente de todas as demais formas de vida na terra. O Senhor prescreveu que uma pessoa deve perder a própria vida se cometer assassinato porque os seres humanos são as únicas criaturas que carregam a sagrada **imagem de Deus** nesta terra. Quando se perde de vista a impressão da imagem de Deus no **homem**, os seres humanos são tratados como animais e a vida é pouco valorizada. Esta atitude, por sua vez, leva a todo tipo de atrocidade e assassinato em massa, pois retira qualquer base para se respeitar a pessoa humana ou o Deus que deu ao homem a sua dignidade.

Mesmo com este entendimento, surge um paradoxo. Por um lado, sendo Deus o Criador e o único que pode dar vida, conclui-se que só Ele tem a autoridade para tirá-la. Por outro lado, quando o Senhor impõe ao homem que execute a pena de morte contra assassinos, Ele delega essa autoridade a ele. O indivíduo então se torna instrumento divino para executar tal castigo sobre o malfeitor; por isso, ele não deve ser acusado de crime algum.

**Versículo 7.** A primeira seção deste material termina com uma repetição do imperativo citado em 9:1 mais o acréscimo de algumas palavras de exortação. Deus disse: **Sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela.** O estilo de vida dos sobreviventes do dilúvio é determinado em vívido contraste com os que praticavam violência nos dias dos nefilins (6:4). Diferentemente dos assassinos pré-diluvianos que destruíam a vida, Noé e sua família deveriam ser os portadores e promotores da vida, como foram Adão e Eva no princípio (1:28).

A ordem em 9:7 começa com um pronome oculto no plural, vós: **Sede** [vós]. Isto lança os holofotes primeiramente sobre os filhos de Noé porque eles seriam os pais das futuras nações e repovoariam a terra, como revela o trecho comumente denominado Tábua das Nações (10:1–32).

---

<sup>4</sup>Kenneth A. Mathews, *Genesis 1—11:26*, The New American Commentary, vol. 1A. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996, p. 404.

## UMA ALIANÇA E UM SINAL DIVINO (9:8–17)

### A Aliança (9:8–11)

**<sup>8</sup>Disse também Deus a Noé e a seus filhos: <sup>9</sup>Eis que estabeleço a Minha aliança convosco, e com a vossa descendência, <sup>10</sup>e com todos os seres viventes que estão convosco: tanto as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. <sup>11</sup>Estabeleço a Minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.**

**Versículo 8.** Antes de Noé e sua família entrarem na arca, Deus fez uma promessa, uma aliança com eles (6:18). Ele prometeu poupá-los das águas iminentes do dilúvio. Isto Deus realmente fez, mas havia mais em Sua promessa.

Depois de falar com Noé e seus filhos sobre os privilégios e as proibições que deveriam guardar no coração ao entrar no mundo purificado, Deus abordou um novo assunto. Em vez de mais admoestações, o Senhor revelou ações que Ele estava para executar em favor deles.

**Versículo 9.** Deus anunciou que Ele estava para estabelecer (אָקַם, *qum*) ou “confirmar”<sup>5</sup> Sua aliança com eles e sua descendência. O verbo hebraico *qum* está na forma causativa e significa literalmente “firmar, levantar”<sup>6</sup>. Poderia significar que Deus “firmaria” uma nova relação (aliança) com os habitantes da arca ou, mais provável neste contexto, Ele implementaria, cumpriria ou executaria o que estava implícito na promessa original que Ele fez a Noé em 6:18.

**Versículos 10 e 11.** Esta aliança incluía todas as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca como todos os animais da terra. A promessa de Deus era que não seria mais destruída toda carne nem a terra por águas de dilúvio.

Esta é uma aliança unilateral, o que significa que a obrigação de guardá-la reside inteiramente no Senhor. Independentemente de quão pecami-

<sup>5</sup>Este é outro possível significado do vocábulo hebraico. (Coppes, “אָקַם” em *DITAT*, p. 1331.)

<sup>6</sup>Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, p. 316.

noso o homem se torne no futuro (veja 8:21), Deus jamais mandará outro dilúvio para destruir a terra completamente. Num sentido, então, a aliança era incondicional; independentemente do que o homem fizesse, a promessa jamais seria abolida. Por outro lado, para que o homem vivesse muito e se multiplicasse sobre a terra, desfrutando das bênçãos da sementeira, da ceifa e assim por diante, ele deveria abster-se de atos proibidos, como a ingestão de sangue e o assassinato, mencionados em 8:22; 9:1, 7. Os que cometessem esses atos proibidos não estariam agindo como parte de um mundo que foi purificado de toda maldade (veja 9:4–6). Ainda existe a possibilidade de julgamento divino em algum momento no futuro, porém esse julgamento ou juízo não será vivenciado como um dilúvio universal.

### O Sinal (9:12–17)

**<sup>12</sup>Disse Deus: Este é o sinal da Minha aliança que faço entre Mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações: <sup>13</sup>porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre Mim e a terra. <sup>14</sup>Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, <sup>15</sup>então, Me lembrarei da Minha aliança, firmada entre Mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. <sup>16</sup>O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e Me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra. <sup>17</sup>Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre Mim e toda carne sobre a terra.**

**Versículos 12 e 13.** Noé e sua família haviam testemunhado o enorme poder de Deus, quando o dilúvio levou embora os ímpios, e também presenciaram a maravilhosa graça de Deus, quando foram poupados de perecer nesse episódio catastrófico. Para eles, a promessa divina de não repetir essa destruição provavelmente era suficiente. Considerando que as futuras gerações poderiam reagir de modo diferente, Deus selou essa aliança com um sinal (veja os comentários sobre 9:17). Ele disse que colocaria nas nuvens o Seu arco.

**Versículos 14 e 15.** Porque o termo arco (אֶשְׁתֵּת, *qusheth*) refere-se tanto a um arco de flecha como a um arco-íris<sup>7</sup>, alguns estudiosos sugeriram que a

<sup>7</sup>Coppes, “אֶשְׁתֵּת” em *DITAT*, p. 1381.

imagem aqui é a de Deus como um guerreiro (Êxodo 15:3; Isaías 42:13; Sofonias 3:17) que atira flechas ou raios em Seus inimigos com um arco poderoso (Salmos 7:13; 18:14; Habacuque 3:11). Eles propõem que, após o dilúvio, Deus prometeu pendurar Seu arco **nas nuvens** como uma garantia à humanidade de que Ele **não mais destruiria** o mundo com outro grande **dilúvio**. Todavia, só há registro desse simbolismo de arco na Bíblia ou em fontes extrabíblicas muito tempo depois de Noé<sup>8</sup>. Parece insensato fazer especulações quanto ao significado de arco além do que o próprio Deus revelou a Noé. No contexto do dilúvio, ele não é um símbolo de vitória numa batalha, mas da graça de Deus e um lembrete de que Ele será fiel à Sua promessa de jamais fazer **as águas** de outro grande dilúvio destruírem **toda carne**.

**Versículo 16.** A afirmação de que **Deus** estabeleceria **o arco... nas nuvens... para [Se] lembrar da [Sua] aliança eterna** emprega a linguagem de um relacionamento entre o Senhor e o Seu povo. O verbo “lembrar” (זָכַר, *zakar*) não supõe que Deus corra o perigo de Se esquecer da Sua aliança, precisando de um sinal nas nuvens que O lembre dela. Em vez disso, o arco-íris confirma que o Senhor “demonstrará Sua lealdade à aliança”<sup>9</sup> em favor de todos os seres humanos.

Gênesis 19:29 afirma que “lembrou-se Deus de Abraão”, ou seja, Suas promessas da aliança firmada com o patriarca, quando Ele agiu salvando Ló do fogo e do enxofre que caiu sobre Sodoma e Gomorra. Além disso, o Senhor disse para Moisés relatar ao povo de Israel que Ele “Se lembrava” de Sua “aliança” e que Ele viria “tirá-los de debaixo das cargas do Egito” (Êxodo 6:5-7). Semelhantemente, na história de Noé, a lembrança do Senhor é importante e esta é a segunda vez que o relato do patriarca se conecta a ela. Em 8:1, o texto diz: “lembrou-Se [*zakar*] Deus de Noé” quando fez as águas do dilúvio baixarem no devido tempo, para que a terra fosse novamente habitável. Deus lembrar-Se de Noé durante o dilúvio e o arco-íris nas nuvens após o dilúvio deram certeza para ele e para todas as futuras gerações de que Deus é fiel a Suas promessas e alianças. Suas alianças estão fundamentadas no Seu caráter.

<sup>8</sup>Depois dos tempos de Noé, a mitologia antiga também apresentou a imagem de um deus que usava um arco e flechas (com dardos de raio) nos céus contra seus inimigos.

<sup>9</sup>W. Schottroff, “זָכַר” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 1, p. 383.

**Versículo 17.** O arco-íris seria **o sinal da aliança estabelecida entre Deus e toda carne sobre a terra**. A palavra “sinal” (אֵימָנָה, *'oth*) usada aqui encontra-se em diversas passagens, referindo-se aos atos misericordiosos de Deus que ocorreram no Egito, no deserto e na conquista da terra de Canaã (Êxodo 7:3; Números 14:11, 22; Deuteronômio 4:34; 11:3; Josué 24:17, 18). O sentido não miraculoso de *'oth* também é evidente em atos especiais como: a circuncisão (Gênesis 17:11), a adoração de Israel a Deus no monte Sinai após o êxodo (Êxodo 3:12), o derramamento de sangue nos umbrais das portas das casas dos israelitas no Egito (Êxodo 12:7, 13), o sábado (Êxodo 31:16, 17) e vários atos simbólicos dos profetas (Isaías 20:3; Ezequiel 4:3).

Os sinais sempre precisam ser interpretados paralelamente à revelação de Deus para que se reconheçam seus significados. “Não existe nenhuma revelação de sinais sem uma respectiva palavra de revelação que interprete o sinal.”<sup>10</sup> Quer sejam miraculosos quer não, os sinais apontam para a presença e o propósito de Deus e, às vezes, para ordenanças divinas impostas ao homem. No caso do arco-íris, ele é um lembrete, um sinal da aliança entre o Senhor e todo ser vivo, de que no futuro Ele não permitirá que as águas inundem a terra inteira e destruam a vida como aconteceu nos dias de Noé. O arco-íris tornou-se um símbolo da misericórdia e da graça de Deus a todas as gerações futuras e, especialmente, ao Seu povo exposto a perigos em meio a posteriores julgamentos pontuais (cativo e martírio) que sobreviessem à terra (veja Ezequiel 1:28; Apocalipse 4:3; 10:1).

O fato de Deus por o Seu “arco... nas nuvens” como um “sinal” da “aliança eterna” (9:16) não significa, necessariamente, que nenhum arco-íris tenha aparecido nas nuvens antes de Noé sair da arca. Pode simplesmente indicar que Deus conferiu ao arco-íris um significado que ele não possuía anteriormente. Uma situação semelhante a essa ocorreu na história de Abraão. Depois do pai dos fiéis ter andado com Deus por muitos anos, Deus instituiu o sinal da circuncisão para ele e “sua descendência no decurso das suas gerações” (Gênesis 17:9-14). Provas arqueológicas indicam que essa incisão da carne já era praticada como um antigo rito de passagem para a vida adulta entre outros povos, muito an-

<sup>10</sup>F. J. Helfmeyer, “אֵימָנָה” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. John T. Willis, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974, vol. 1, p. 177.

tes do período em que viveu o patriarca<sup>11</sup>. Quando Abraão foi pessoalmente circuncidado aos noventa e nove anos de idade, porém, o ato tornou-se um sinal físico da aliança que Deus firmou com o Seu povo.

De maneira semelhante, quando Israel recebeu o mandamento de guardar o sábado no monte Sinai, ele adquiriu um novo significado como um sinal (*'oth*) da aliança que o Senhor fez com eles (Êxodo 31:16, 17), ainda que eles já o observassem no deserto (Êxodo 16:22–30). Portanto, pode ser que, muito antes de Abraão ou Israel existirem, Deus tenha transformado o arco-íris num sinal significativo (*'oth*) de Sua aliança com Noé e todos os seres humanos que vieram após ele. Uma vez que Deus sempre cumpre Suas promessas, ele jamais causará uma destruição catastrófica por meio de águas que cubram a terra e destruam todo ser vivente.

### A MALDIÇÃO E AS BÊNÇÃOS DE NOÉ (9:18–29)

Mesmo no novo e renovado mundo de Deus, não demorou muito para o ser humano, cedendo ao pecado, desenvolver a propensão para praticar injustiça. À medida que o mundo foi sendo repovoado, ele foi readquirindo muito do que possuía antes, enquanto as pessoas enfrentavam suas escolhas diárias entre a piedade e o pecado.

#### A Linhagem de Noé (9:18, 19)

**<sup>18</sup>Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé; Cam é o pai de Canaã. <sup>19</sup>São eles os três filhos de Noé; e deles se povoou toda a terra.**

**Versículo 18.** A narrativa do dilúvio começou com uma referência a Noé e seus três filhos: “Sem, Cam e Jafé” (6:9, 10). De maneira semelhante, ela termina com outra afirmação sobre o patriarca e sua descendência: **Os filhos de Noé, que saíram da arca, foram Sem, Cam e Jafé.** Acrescenta-se que **Cam era o pai de Canaã**, uma antecipação da maldição de Noé registrada em 9:25. A afirmação sobre

<sup>11</sup>Há descrições de guerreiros sírios circuncidados datadas do começo do terceiro milênio a.C. (Jack M. Sasson, “Circumcision in the Ancient Near East”, *Journal of Biblical Literature* 85, no. 4. Dezembro de 1966, pp. 475–76.) Existe uma descrição de uma circuncisão egípcia que data de aprox. 2300 a.C. (John A. Wilson, trad., “Circumcision in Egypt” em *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 326.)

Canaã também prediz futuros conflitos entre os descendentes de Abraão (os israelitas) e os cananeus na Terra Prometida.

**Versículo 19.** Ao falar dos “filhos de Noé”, o autor confirmou que **toda a terra** foi povoada por eles. O crescimento dessa família mostra que a bênção divina, incluindo a ordem para “serem fecundos, multiplicarem-se e encherem a terra” (9:1), cumpriu-se em suas vidas.

#### A Indiscricção de Noé (9:20, 21)

**<sup>20</sup>Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. <sup>21</sup>Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda.**

**Versículo 20.** Após o dilúvio, era necessário que **Noé** provesse sustento para si e para sua mulher, por isso ele se tornou **um lavrador** e começou a **plantar uma vinha**. Uma tradução literal do texto hebraico seria: “E Noé, um homem da terra, *começou* e plantou uma vinha” (grifo meu)<sup>12</sup>. A NVI e a BJC dizem: “Noé... foi o primeiro a plantar uma vinha”. Certa Bíblia de Estudo diz que, sendo Noé “a primeira pessoa a cultivar uvas”, talvez ele não soubesse das “consequências degradantes do consumo excessivo do álcool”<sup>13</sup>.

É difícil entender como Noé foi “o primeiro a plantar uma vinha”, uma vez que Adão e Eva fizeram isso quase desde o princípio (2:15; 3:17–19; 4:2, 3). Além disso, o versículo não afirma claramente que Noé “foi o primeiro a plantar uma vinha”<sup>14</sup>, nem alega que ele foi o primeiro a se embriagar com muito vinho. Essas versões parecem ser tentativas de justificar a embriaguez de Noé e exonerá-lo de qualquer culpa. Durante o longo período transcorrido desde a criação, parece estranho que o uso de vinho como bebida não tivesse sido descoberto até

<sup>12</sup>John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 181. O verbo “começou” vem de *חָלַל* (*chalal*); derivados dessa palavra também são traduzidos com o significado de “começar” em 4:26; 6:1; 11:6.

<sup>13</sup>Jon D. Levenson, “Genesis” em *The Jewish Study Bible*, ed. Adele Berlin e Marc Zvi Brettler. Nova York: Oxford University Press, 2004, p. 25.

<sup>14</sup>É interessante que a vide mais antiga descoberta por arqueólogos ficava em Armênia, a região onde a arca de Noé pousou. (<http://news.nationalgeographic.com/news/2011/01/110111-oldest-wine-press-making-winery-armenia-science-ucla/>; Internet; acesso em 20 de dezembro de 2013.) Na tradição babilônica, a produção de vinho precedeu o grande dilúvio. (*O Épico de Gilgamesh* 11.72–73.)

os dias de Noé. Uma interpretação mais plausível é que “Noé começou a cultivar uma planta cujo cultivo e uso ele já conhecia”<sup>15</sup>.

**Versículo 21.** Ainda que Noé fosse um homem justo que andava com Deus, precisamos ser cautelosos ao pensar nele como alguém isento de pecado. O texto diz claramente que Noé, **bebendo do vinho, embriagou-se**. Em seu torpor alcoólico, Noé **se pôs nu dentro de sua tenda**. O texto não nos informa por que Noé ficou nu dentro da sua tenda. A prática de dormir despido no clima quente do Oriente Próximo antigo e da região mediterrânea podia não ser incomum (Apocalipse 16:15)<sup>16</sup>. A nudez de Noé evidentemente foi diferente. Alguns conjecturam que ele estava se preparando para ter relação sexual com a esposa ou que o álcool liberou suas inibições e debilitou seu juízo, fazendo-o agir de um modo inadequado.

### O Pecado de Cam (9:22, 23)

**22Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos. 23Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem.**

**Versículo 22.** Mais uma vez, Cam é identificado como pai de Canaã (veja 9:18), ao se declarar que ele viu **a nudez do pai**. Evidentemente, ele entrou na tenda do pai sem avisar. Será que ele suspeitava que havia algo errado dentro do recinto? Estaria ele apenas curioso ou tinha más intenções para com o pai? Não sabemos quais as intenções de Cam ao entrar na tenda do pai, pois o texto não o revela. O que sabemos é que, após pecarem, Adão e Eva ficaram imediatamente envergonhados por estarem nus (3:7, 10). Mais tarde, na Lei, os sacerdotes foram advertidos sobre a exposição indecente do corpo (Êxodo 20:26; 28:42). E na legislação contra o incesto, descobrir a nudez (órgãos sexuais) de alguém que não fosse o respectivo cônjuge era claramente

<sup>15</sup>H. C. Leupold, *Exposition of Genesis*, vol. 1. S.p.: Wartburg Press, 1942; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1953, p. 345.

<sup>16</sup>F. Brent Knutson, “Naked” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, vol. 3, p. 480. Comentando Apocalipse 16:15, Knutson disse que “estar acordado e vestido se contrasta com estar sonolento e nu”.

proibido (Levítico 18:6–18).

Outras ideias já foram propostas a respeito do pecado de Cam. Alguns supõem que ele pretendia sodomizar o pai. Outra opinião é que ele desejou coabitar sexualmente com a mãe; os apoiadores dessa ideia apontam para Levítico 18:7. Nessa passagem, quando se proíbe descobrir “a nudez do pai”, a proibição é na verdade contra ter relações sexuais com a própria mãe. Todas essas especulações parecem extrapolar o texto; este diz simplesmente que quando Cam “viu a nudez do pai”, **fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos**.

O relato não registra o que Cam disse aos irmãos ou com que atitude ele falou do incidente. Será que ele os convidou para ver a nudez do pai e participar de seu *voyeurismo* lascivo?<sup>17</sup> Estaria ele escarnecendo do comportamento ébrio e inadequado do pai? O que quer que Cam tenha dito aos irmãos, isso certamente foi feito com zombaria, demonstrando desrespeito pelo idoso pai e o expondo ao ridículo. Cam obviamente não teve empatia nem honra pelo pai nesse momento de sua vida. Mais tarde, o profeta Habacuque repreendeu os que embriagam alguém “para lhe contemplar as vergonhas” (Habacuque 2:15). Embora não seja dito que Cam incentivou Noé a beber vinho demais, parece que ele tirou vantagem dessa lamentável situação, mostrando desrespeito por ver a nudez do pai. Acima de tudo, foi ao contar o fato aos irmãos e possivelmente convidá-los a também olhar a vergonha do pai, que ele consumou seu pecado.

Embora as Escrituras não desvendem a natureza exata do pecado de Cam, seu comportamento para com o pai foi, com certeza, impróprio. No mundo antigo, e até hoje em sociedades mais tradicionais, é uma obrigação sagrada os filhos honrarem os pais. Deus incluiu esse conceito nos Dez Mandamentos com as seguintes palavras: “Honra a teu pai e a tua mãe” (Êxodo 20:12). E, em algumas instruções de despedida a respeito do comportamento de Israel dentro da Terra Prometida, Moisés acrescentou que fosse pronunciada uma maldição especial a qualquer um que desonrasse o pai ou a mãe. Em resposta a essas instruções, todo o povo deveria consentir dizendo “Amém” (Deuteronômio 27:16).

O Antigo Testamento não orienta sobre como os filhos devem reagir quando os pais agem vergonhosamente, mas os israelitas certamente concordavam com o épico Ugarítico Aqhat, que diz que um filho

<sup>17</sup>Leupold, p. 346.

conduz o pai “pela mão quando este está bêbado e carrega-o quando ele está saciado de vinho”<sup>18</sup>. Em outras palavras, um filho fiel acompanharia e ajudaria o pai dominado pela bebida forte e protegeria sua imagem pública, conduzindo-o ou carregando-o para um lugar privado, longe dos olhos de quem poderia caçoar dele.

**Versículo 23.** Sem e Jafé não participaram do que o irmão estava tentando fazer, mas agiram evitando uma situação indevida ou injusta. Eles **tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem.** Apesar dos vários pensamentos pavorosos sobre a natureza do pecado de Cam, o registro diz simplesmente que ele “viu” o pai nu e bêbado; seus irmãos “não o viram” nesse estado. Eles agiram recatadamente e tomaram precaução para que não vissem o pai, nem mesmo por acidente, entrando na tenda de costas e cobrindo-o. Ao cobrirem Noé sem vê-lo, Sem e Jafé honraram o pai e eliminaram a possibilidade de outros olhos curiosos o fitarem em seu estado de exposição e vulnerabilidade.

#### **A Maldição de Noé sobre o Filho de Cam, Canaã (9:24, 25)**

**<sup>24</sup>Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço <sup>25</sup>e disse:**

**Maldito seja Canaã;  
seja servo dos servos  
a seus irmãos.**

**Versículo 24.** Após um tempo, Noé recobrou-se do efeito do **vinho** e soube o que Cam **lhe fizera** (אָשָׂה, *‘asah*). Há quem interprete o verbo “fizera” como se Cam tivesse cometido algum ato de abuso físico – sexual ou outro – contra o pai. Neste contexto, o termo não implica necessariamente um ato visível. Pode simplesmente referir o fato dele não respeitar o pai e (talvez caçoando dele) contar aos irmãos que o viu embriagado e nu dentro de sua tenda. Cam é citado aqui como **o filho mais moço** de Noé (veja os comentários sobre 10:21).

**Versículo 25.** Este versículo registra a primeira fala de Noé na Bíblia: **Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos.** O enigma óbvio é que a maldição caiu no neto do patriarca, Canaã, e não

do seu filho Cam, o réu de fato. Alguns inferiram que, por ser citado, Canaã teria participado do sórdido episódio, mas a narrativa não evidencia nada disso. De fato, este pode ser um exemplo de como Deus visita “a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração” (Êxodo 20:5), ainda que esta verdade só seja formalmente afirmada nos dias de Moisés.

A ideia de que Deus estava castigando o filho pelo pecado do pai é muitas vezes rejeitada porque soa arbitrário e injusto punir uma geração pelos pecados da geração anterior. Na realidade, isto parece dizer que, com frequência, o caráter do pai prediz os feitos de sua descendência. Filhos e netos muitas vezes – embora nem sempre – seguem os passos dos pais e avós no modo de agir, na moral e no estilo de vida, seja para o bem ou para o mal. Os filhos podem, num sentido, sofrer pelos pecados dos pais; mas é geralmente por suas próprias decisões e hábitos malevolentes que eles atraem para si as mesmas maldições, dores e sofrimentos que seus antepassados vivenciaram.

Como vimos anteriormente em Gênesis, a repetição de atitudes más, ódio, violência e sofrimento proeminentes na vida de Caim continuaram prevalecendo entre seus descendentes, especialmente em Lameque (4:1–24). A maldade dos nefilins (6:4) também pode ter se perpetuado por várias gerações até Deus amaldiçoar o velho mundo com o dilúvio que destruiu a todos eles (veja 6:17; 7:23; 8:21). Os pecados dos pais e possivelmente dos avós acabaram por visitar seus descendentes num momento posterior. O comportamento deles e o respectivo castigo não foram predeterminados arbitrariamente, mas a maldade que se tornou um padrão de vida para seus ancestrais continuou a se apresentar em suas vidas a ponto de rejeitarem a pregação de Noé e, assim, perecerem no dilúvio.

No caso de Canaã, neto de Noé, a maldição não se referia primariamente a coisas ruins que ele experimentaria individualmente. Numa escala mais ampla, ela predizia o que sobreviria aos seus descendentes – o povo cananeu – gerações mais tarde, quando os israelitas invadissem e, por fim, conquistassem a Terra Prometida. Esta perspectiva parece ser exata porque Noé, quando proferiu a maldição a Canaã, afirmou: “seja servo dos servos aos seus irmãos”. Pelo que sabemos, nem Cam nem Canaã serviram pessoalmente seus irmãos, mas o pecado de Cam dispôs “os descendentes de seu filho Canaã (os cananeus) a um papel de sujeição e servidão

<sup>18</sup>O Conto de Aqhat A.1.32–33.

aos descendentes de Sem e Jafé<sup>19</sup>. A descendência de Cam não foi uma vítima inocente de um destino arbitrário imposto a eles; a maldição veio a se concretizar porque eles agiram como Cam e até sobrepujaram seu ancestral cometendo crimes sexuais obscenos e ofensas vis que faziam parte de seu estilo de vida idólatra. Foram despossosados da terra de Canaã pelos israelitas porque seus pecados atingiram um ponto máximo que Deus não mais toleraria (veja 15:16; Levítico 18:3–30; Deuteronômio 9:4–6).

### A Bênção de Noé sobre Sem e Jafé (9:26, 27)

<sup>26</sup>E ajuntou:

**Bendito seja o SENHOR,**

**Deus de Sem;**

**e Canaã lhe seja servo.**

<sup>27</sup>**Engrandeça Deus a Jafé,**

**e habite ele nas tendas de Sem;**

**e Canaã lhe seja servo.**

**Versículo 26.** Noé não parou na maldição contra o ofensor. Ele acrescentou: **Bendito seja o Senhor, Deus de Sem.** “Sem” não foi o objeto da bênção; ela foi dirigida ao “Senhor”. Normalmente, era de se esperar que uma bênção dirigida ao Senhor identificasse o que Ele fez para predispor aquela expressão de louvor em particular. A falta de uma explicação definida leva o leitor a crer que Noé estava abençoando ou louvando “o Senhor” por ser “o Deus de Sem”. Noé deve ter percebido que, ao contrário de Cam, Sem era dedicado ao Senhor. A linhagem dos eleitos de Deus continuaria através dele, como acontecera antes por meio de Sete (4:26). Isto, obviamente, é comprovado na genealogia de 11:10–26, que termina com o chamado de Abraão (12:1–3).

Depois de louvar ao Senhor como o Deus de Sem, Noé disse: **E Canaã lhe seja servo.** É difícil entender esta afirmação do patriarca à parte das posteriores batalhas de Israel contra os cananeus e a vitória final da nação escolhida de Deus. O destino de servidão que os cananeus sofreriam no futuro não se baseava arbitrariamente no pecado de Cam, mas

<sup>19</sup>Willis, p. 183. A maldição de Noé destinava-se às sete nações descendentes de Canaã; esse povo perverso ocupava a terra de Canaã quando Josué e os israelitas a invadiram (Deuteronômio 7:1–11). A maldição não se aplica a outros descendentes de Cam, como os que se estabeleceram na África (veja Salmos 105:23; 106:21, 22). Historicamente, alguns têm usado indevidamente Gênesis 9:25 como prova textual para justificar sua dominação e maus tratos par com os descendentes africanos.

em excederem na prática do mal. O pequeno fluxo de pecado que teve início após o dilúvio por fim se tornaria uma corrente avassaladora de maldade e idolatria nas vidas dos descendentes de Cam, os cananeus. Apesar disso, esta profecia só se cumpriria centenas de anos mais tarde, quando se enchesse a medida da iniquidade deles (15:16)<sup>20</sup>. Deus foi paciente no julgamento e deu aos habitantes de Canaã uma extensiva oportunidade para se arrependerem (veja 2 Pedro 3:9).

**Versículo 27.** Após a maldição e a bênção, Noé fez uma invocação: **Engrandeça Deus a Jafé.** Este pedido, semelhante à bênção anterior, também deve ser entendido como uma profecia de grandes acontecimentos futuros, e não como o retrospecto de um escritor posterior à conquista de Canaã, como defendem alguns.

Vê-se outro jogo de palavras hebraico na primeira parte do versículo 27, quando o patriarca roga ao Senhor que “engrandeça” (תָּפַח, *yapthe*) “Jafé” (יֶפֶת, *Yepeth*). Como a família de Jafé foi engrandecida? Que pessoas descenderam desse filho de Noé? Em Gênesis 10:2–5, Jafé é designado progenitor dos grupos que habitaram o norte de Israel na antiga Anatólia (atual Turquia), incluindo vários povos indo-europeus<sup>21</sup>.

A próxima frase, **habite ele nas tendas de Sem,** é clara o bastante – mas a quem o pronome “ele” se refere? Parafrazeando este texto para o aramaico, o Targum de Onkelos menciona o Senhor e diz: “E ele fará seu Shekinah para habitar nos tabernáculos de Sem”<sup>22</sup>. Esta interpretação judaica mais recente, do primeiro ou segundo século d.C.<sup>23</sup>, tem pouco a ser elogiado. Ela viola uma regra básica de gramática: o referente natural do pronome é seu antecedente mais próximo. Embora existam algumas exceções a essa regra, não há razão lógica para que seja esse o caso aqui. Deus habitou no meio do Seu povo no tabernáculo (Êxodo 25:8; 29:42–46), mas esse concei-

<sup>20</sup>Em 15:16, os habitantes de Canaã são denominados amorreus, outro termo usado para o povo a quem os israelitas despossaram da Terra Prometida (Juízes 6:10; 1 Samuel 7:14; 1 Reis 21:26; 2 Reis 21:11).

<sup>21</sup>Theophilus Goldridge Pinches e Roland K. Harrison, “Japheth” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, vol. 2, p. 967.

<sup>22</sup>“Targum of Onkelos” em *The Targums*, trans. J. W. Etheridge. Nova York: KTAV Publishing House, 1968, p. 54. Perspectivas semelhantes também se encontram no Livro dos Jubileus e no Talmude Babilônico.

<sup>23</sup>Philip S. Alexander, “Targum, Targumim” em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 6, p. 321.

to não está em discussão aqui. A declaração nada mais é do que uma invocação para que “Deus” “engrandeça Jafé” e permite que “ele” (Jafé) “habite nas tendas de Sem”.

O sentido natural desse rogo é que Noé estava pedindo que o território e a influência de Jafé fossem engrandecidos e que ele habitasse em ou entre as tendas de Sem. Alguns acreditam que isto se cumpriu quando os filisteus de Creta e das ilhas do mar Egeu invadiram e subjugaram os israelitas no período dos juízes e no reinado de Saul. Outros pensam que se refira ao reinado de Antíoco Epifânio IV, o rei selêucida que reinou na Palestina no segundo século a.C. Qualquer um desses cumprimentos seria uma *maldição*, visto que os descendentes de Jafé seriam forçados a habitar ou ocupar as tendas de Sem.

Ao contrário dessas sugestões, a declaração faz parte da *bênção* de Noé de que os descendentes de “Jafé” “habitarão” (pacificamente) “nas tendas de Sem”. É difícil encontrar um período na história em que essa profecia de fato tenha se concretizado, a não ser na era do Novo Testamento. O cumprimento final do pedido de Noé a Deus parece ter início nas viagens missionárias de Paulo de Antioquia na Síria a Tarso, às cidades da Galácia, a Éfeso, atravessando o mar Egeu até a Macedônia, Grécia e outros lugares. Nessas regiões, os descendentes de Jafé (cristãos gentios) passaram a conviver pacificamente com os descendentes de Sem (cristãos judeus) num único lugar – o corpo espiritual de Cristo, a igreja (Efésios 2:11–22).

A afirmação final de 9:27 é que **Canaã** deveria ser **servo** não só de Sem, mas também de Jafé. Esta é a terceira vez que a futura servidão (escravidão) de Canaã foi predita, enfatizando a maldição. Já no começo do segundo milênio a.C. (na época de Abraão), muitos cananeus habitaram não só na Palestina, mas também ao longo da costa oriental do mar Mediterrâneo, ao norte da terra de Canaã (do atual Líbano até Ugarit, na Síria)<sup>24</sup>. Segundo textos

<sup>24</sup>Clayton G. Libolt, “Canaan” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley.

antigos, não muito tempo depois que Israel entrou na Terra Prometida, os povos dos mares das ilhas do Egeu (alguns dos quais descendiam de Jafé) também buscaram se fixar nas regiões que tempos atrás haviam sido habitadas por cananeus. Esses acontecimentos talvez sejam parte do cumprimento da bênção de Noé em relação a Jafé.

### A Morte de Noé (9:28, 29)

**<sup>28</sup>Noé, passado o dilúvio, viveu ainda trezentos e cinquenta anos. <sup>29</sup>Todos os dias de Noé foram novecentos e cinquenta anos; e morreu.**

A história de Noé termina com duas informações obituárias para completar a genealogia de Sete que foi apresentada em 5:3–32.

**Versículo 28.** Nos comentários do capítulo 5, observamos a significância do número “10” nesses registros antigos. Noé ocupa a décima e última posição nessa narrativa genealógica. Aqui, o texto diz que **Noé, passado o dilúvio, viveu ainda trezentos e cinquenta anos**. Portanto, ele viveu no ponto mediano entre o mundo pré-diluviano e o pós-diluviano.

A expressão comum relativa aos descendentes de Sete no capítulo 5, “e teve filhos e filhas”, não aparece nesta descrição. Essa omissão leva à conclusão de que todos os seres humanos após o dilúvio descendiam dos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé.

**Versículo 29.** O obituário do patriarca conclui afirmando: **Todos os dias de Noé foram novecentos e cinquenta anos; e morreu**. Na história mitológica de Utnapishtim, após o dilúvio, o Noé babilônio tornou-se imortal como os deuses<sup>25</sup>. O verdadeiro Noé herdou o mesmo legado que todos os seus ancestrais citados em 5:3–32, exceto Enoque; ou seja, “morreu”.

Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, p. 590.

<sup>25</sup>O *Épico de Gilgamesh* 11.193–94.

Autor: Bill Grasham  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS